

COSMOVISÃO: DO CONCEITO À PRÁTICA NA ESCOLA CRISTÃ

Mauro Meister*

“O alvo... do ensino é reparar as ruínas dos nossos primeiros pais pela reconquista do conhecimento correto de Deus e, a partir deste conhecimento, amá-lo, imitá-lo e ser como Ele”. (John Milton)

RESUMO

Este artigo descreve a necessidade de se desenvolver a educação cristã escolar dentro de uma cosmovisão bíblica aplicada na pedagogia do educador, na missão da escola e no currículo escolar. Segundo a proposta do autor, cada um destes três pontos é peça chave no desenvolvimento da visão de mundo do aluno e terá impacto na sua educação como um todo. Depois de descrever a relação da cosmovisão bíblica com cada um destes três aspectos, o artigo conclui com exemplos dos métodos de formação curricular e integração bíblica que podem ser usados neste processo.

PALAVRAS-CHAVE

Cosmovisão cristã; Educação cristã; Currículo; Missão; Construtivismo.

INTRODUÇÃO

O termo “cosmovisão” tem se tornado de uso comum nos últimos anos em meios acadêmicos e até populares, como revistas e periódicos. Em artigo recente, Fabiano Oliveira¹ buscou avaliar o conceito e uso do termo desde

* O autor é ministro presbiteriano, coordenador do curso de Mestrado em Divindade do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, assessor para as áreas de teologia e filosofia no Sistema Mackenzie de Ensino, diretor executivo da Associação Internacional de Escolas Cristãs no Brasil e presidente do Conselho de Educação Cristã e Publicações da Igreja Presbiteriana do Brasil.

¹ OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. Reflexões críticas sobre Weltanschauung: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente. *Fides Reformata* 13/1 (2008), p. 31-52.



suas raízes e mostrar como uma *weltanschauung*² vai além do conjunto de percepções de mundo individuais para ser uma percepção social de grupo, ou seja, como as cosmovisões se formam, se desenvolvem e são compartilhadas. Também mostrou-nos como a Escritura propõe uma visão de mundo teo-referente³ que é trans-histórica e transcultural, a saber, como os princípios da Palavra de Deus têm um caráter aplicável a todas as pessoas, de todas as culturas e em todas as épocas. Tomo o artigo de Oliveira como referencial teórico para investigar os meios práticos primários pelos quais uma cosmovisão autenticamente bíblica deve ser buscada e vivenciada na escola cristã. Minha preocupação central, depois de ensinar dezenas de cursos de treinamento na área de cosmovisão, tanto na Associação Internacional de Escolas Cristãs⁴ como no Sistema Mackenzie de Ensino,⁵ é que o termo não se torne apenas um chavão no meio escolar cristão. Antes, este deve ser um valor central a ser percebido e desenvolvido entre os líderes e professores, trazendo como resultado a formação de uma cosmovisão bíblica em seus alunos.

1. BREVE DEFINIÇÃO DE COSMOVISÃO

Segundo Sire, em *Naming the elephant*,⁶

Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expresso como uma narrativa ou como um conjunto de pressu-

² Segundo Oliveira, “*Weltanschauung* é um substantivo feminino composto de duas palavras alemãs: *Welt* – mundo e *Anschauung* – concepção, percepção, intuição. *Weltanschauungen* é sua forma plural. As diversas traduções do conceito são cosmovisão, biocosmovisão, concepção de mundo, mundividência, visão de mundo e percepção de mundo, dentre outras possíveis em português, e as já bem conhecidas *worldview* e *life-worldview* em inglês”. *Ibid.*, p. 33, n. 5.

³ “‘Teo-referência’ é um conceito empregado por Davi Charles Gomes para indicar que Deus é o ponto de referência último de toda existência, tanto do homem regenerado pelo poder do Espírito e da Palavra de Deus, quanto do homem não-regenerado”. Fabiano Oliveira, a partir de GOMES, Davi Charles. A metapsicologia vantiliana: uma incursão preliminar. *Fides Reformata* 11/1 (2006), p. 116, n. 14.

⁴ A Associação Internacional de Escolas Cristãs (ACSI – *Association of Christian Schools International* – <http://www.acsibrasil.org>) é uma instituição internacional, presente em mais de 100 países e que atende a mais de 5.000 escolas. Foi fundada no Brasil em 2003 e tem por missão “promover educação acadêmica de excelência que influencie a sociedade com valores distintivamente bíblicos, através do desenvolvimento e fortalecimento de instituições de ensino e educadores”. Os principais programas da ACSI-Brasil são seus congressos anuais de educadores cristãos, a publicação de livros teóricos e material didático e um programa de capacitação docente no qual é oferecido um curso de cosmovisão aplicada à educação. Centenas de professores cristãos já participaram dos cursos em vários lugares do Brasil.

⁵ O Sistema Mackenzie de Ensino (SME – <http://www.mackenziedidatico.org.br>) publica material didático para a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Na data de publicação deste artigo os livros didáticos encontram-se prontos e em uso até o quarto ano do Curso Fundamental I. Como parte do treinamento para o uso do material didático do SME as escolas parceiras recebem o curso de cosmovisão.

⁶ SIRE, James W. *Naming the elephant: worldview as a concept*. Downers Grove: InterVarsity, 2004, p. 122.



posições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que nós sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que provê o fundamento sobre o qual nós vivemos, nos movemos e existimos.

Dentro do processo de ensino-aprendizagem na escola cristã, muito além de trabalharmos com conteúdos ou nos limitarmos ao conjunto de pressuposições do aluno, sabemos que as orientações fundamentais do coração devem ser trabalhadas a fim de que o ensino seja a expressão da verdade bíblica e a aplicação consistente desta verdade a todas as áreas do viver. Entretanto, estas áreas só podem ser trabalhadas a partir de uma realidade espiritual clara que determina o que Sire chama de “compromisso, uma orientação fundamental do coração”. Na escola, ao trabalhar o currículo e os conteúdos, esta orientação fundamental do coração vai gerir o conjunto de pressupostos e, conseqüentemente, a paixão com que sustentamos estes elementos.

Pode parecer estranho trazer o conceito de paixão para o contexto de um artigo acadêmico que pretende lidar com conteúdos objetivos e orientação escolar. Entretanto, deixá-lo fora seria um ato de negação de uma realidade que diz respeito a qualquer cosmovisão. O ser humano não é orientado de maneira puramente racional e por pressuposições destituídas de paixões, em qualquer área da existência. Não há ciência neutra e nem educação neutra. Todos os que se entregam ao labor do ensino o fazem motivados por razões fundamentais do coração que os dirigem, consciente ou inconscientemente.

No sentido bíblico, o coração é o centro do ser. Não é somente o berço de nossas emoções e sentimentos, mas aquilo que somos como o somatório da sabedoria, desejos, vontade, espiritualidade e intelecto.⁷ Creio que esta idéia dá a base e origem para o conceito tão enaltecido de educação integral ou holística, a saber, educar o ser completo para o exercício da cidadania. Ora, este conceito, tomado de maneira teo-referente, é exatamente o que nos ensina a própria Escritura, sendo ela mesma a base sobre a qual devemos desenvolver a educação. O apóstolo Paulo aponta claramente para este propósito quando diz que a Escritura, por ser inspirada por Deus, “é útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3.16). Não me parece que Paulo, ou qualquer outro escritor bíblico, limite a utilidade da Escritura apenas ao ensino no campo religioso. Muito pelo contrário, a extensão desta utilidade é amplamente difundida para o ser como um todo e para todas as áreas da existência. No caso deste texto específico, Paulo mostra a abrangência deste ensino ao indicar o seu propósito: “a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.17). A expressão “perfeito e perfeitamente habilitado” carrega exatamente o conceito

⁷ Ibid., p. 123-124.

de adequação e proficiência para cumprir uma determinada tarefa. O mesmo princípio pode ser aplicado ao conceito das “boas obras”, ou seja, elas não estão limitadas ao campo religioso e à caridade, mas a toda obra, em qualquer esfera da vida, que deve ser feita para a glória de Deus. Este é o alvo.

Este conceito expresso na epístola a Timóteo, com certeza encontra fundamento nas raízes judaicas de Paulo e, fundamentalmente, no seu apreço pela Escritura que propõe, no livro de Deuterônomo, uma educação fundamentada na Lei de Deus aplicada ao dia a dia dos aprendizes. Os filhos do povo de Deus eram orientados com base na revelação divina com o propósito de desenvolver uma cosmovisão plena. Não há qualquer sugestão de que a instrução religiosa estivesse segregada a apenas uma parte da compreensão e da vida.

Logo, faz parte da tarefa dos educadores cristãos buscar tanto a *consciência* como a *consistência* na aplicação de uma cosmovisão no projeto educativo. O estudo e a reflexão tornam-se nossos alvos contínuos a fim de nos apresentarmos a Deus como obreiros aprovados, que não têm de que se envergonhar (cf. 2Tm 2.15). Novamente, o obreiro que não tem de que se envergonhar e que “maneja bem a palavra da verdade” não deve estar limitado a agir desta forma somente no campo do ensino religioso ou eclesial, mas em todas as esferas do conhecimento e da existência. Assim, proponho abaixo a avaliação de algumas áreas essenciais em que a busca de consciência e consistência pode dar, ao educador e às instituições, uma visão mais ampla do caminho rumo à aplicação de uma cosmovisão bíblica sólida.

2. A COSMOVISÃO E O EDUCADOR CRISTÃO BRASILEIRO

A realidade da educação brasileira aponta para uma situação indesejável quanto à posição do educador cristão. A Constituição Federal de 1988 é muito clara ao confirmar o ideal republicano da absoluta separação entre Igreja e Estado e o desenvolvimento de um ensino laico.⁸ Entretanto, o Estado não assumiu para si a exclusividade da educação, permitindo que as escolas religiosas continuassem sua obra no Brasil. É impossível ler a história do Brasil sem perceber o entrelaçamento entre o desenvolvimento da nação e estas escolas. Ainda assim, percebemos que as escolas de orientação religiosa cristã se afastaram da cosmovisão bíblica, tornando-se dependentes do currículo, método e visão de mundo seculares. Assim, o professor cristão brasileiro sofre o impacto de ter recebido, ao longo de todo o seu processo educacional, uma visão de mundo que não associa a cosmovisão bíblica à pedagogia.

⁸ “O mesmo que escola leiga, é o ensino que prescinde de qualquer instrução religiosa, podendo ou não combatê-la. Característica do ensino que adota uma posição de neutralidade em matéria de religião. Quando o ensino combate qualquer instrução religiosa é chamado de ensino anticonfessional ou escola anticonfessional”. DUARTE, Sérgio Guerra. *Dicionário brasileiro de educação*. Rio de Janeiro: Edições Antares, Nobel, 1986.

O que encontramos na formação pedagógica de nossos professores são as reproduções de conceitos materialistas e naturalistas da educação, que são parte da “confissão” do ensino laico.⁹ Assim, depois de um longo processo educacional, no qual a interação de uma cosmovisão cristã com a academia é excluída automaticamente, o professor cristão assume uma dicotomia entre os valores bíblicos fundamentais da educação e os conceitos teóricos assimilados ao longo da vida estudantil. Um fato que demonstra bem esta condição é que não existem no Brasil cursos universitários de pedagogia que assumam uma postura claramente cristã. A visão comum que encontramos na maioria dos cursos oferecidos em solo pátrio parte de leituras dialéticas e marxistas do mundo e da sociedade e pressupõe as bases do construtivismo naturalista como os ideais sobre os quais a educação deve ser desenvolvida, ou melhor, construída. Nesta forma de pensamento a redenção encontra-se no naturalismo humanista, onde Deus não encontra qualquer espaço a ser preenchido e os valores morais não passam de construções humanas. Por consequência, o professor não deve ser diretivo, mas o mediador no processo de construção do conhecimento do aluno, que deverá, ao final, ser sujeito autônomo.

Esta postura assumida traz resultados diretos sobre a cultura e a ética. Por um lado, exalta-se que a busca de um sujeito questionador e autônomo é desejável para coibir os abusos do domínio intelectual e social e o crescimento da população como uma massa de manobra política. Por outro lado, o naturalismo filosófico no qual estamos imersos cria uma falsa realidade na qual os valores tornam-se todos subjetivos e até aleatórios, dependendo do indivíduo: “isto é o que funciona para mim”. O intento de educar o aluno como questionador para que não se dobre aos “dogmas morais” levou a educação contemporânea a questionar os valores da cultura judaico-cristã e, finalmente, a rejeitá-los. O fundamento construtivista incentiva a invenção da própria realidade,¹⁰ enquanto os valores da cosmovisão cristã bíblica apontam para a descoberta da realidade criada.

Nossa preocupação neste espaço não é demonstrar as falhas epistemológicas do construtivismo e a sua contradição com uma epistemologia legítima-

⁹ A pressuposta neutralidade do ensino laico não passa de uma ilusão. Não há pessoa neutra e, por consequência, educador neutro. Ser professor significa “professar” uma visão de mundo. Cf. BORGES, Inez Augusto. *Confessionalidade e construção ética na universidade*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2008, p. 41.

¹⁰ FOSNOT, Catherine. Construtivismo: uma teoria psicológica da aprendizagem, em FOSNOT, Catherine. *Construtivismo: teoria, perspectivas e prática pedagógica*. Porto Alegre: ArtMed, 1998: “O construtivismo não presume a presença de uma realidade objetiva externa que é revelada ao aluno, mas admite que os alunos construam ativamente a própria realidade”. Ver também uma descrição apologética da visão do construtivismo e sua epistemologia em MORETTO, Vasco Pedro. *Construtivismo: a produção do conhecimento em aula*. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

mente bíblica,¹¹ mas apontar para o fato de que, diante da educação brasileira atual, é necessário que o pedagogo cristão repense a instrução recebida e avalie a sua postura dentro do movimento educacional, buscando as tão almejadas *consciência* e *consistência* na aplicação de uma cosmovisão bíblica ao projeto educativo. Enquanto não houver uma mudança de postura do pedagogo cristão e um alinhamento do seu pensamento quanto à cosmovisão bíblica usada no currículo e no ambiente escolar, o conceito de cosmovisão aplicada à educação continuará sendo algo sem real conteúdo e relevância.

3. COSMOVISÃO APLICADA NA MISSÃO

A *missão institucional* é a declaração direta e objetiva dos objetivos e propósitos de uma instituição. Por trás de toda missão que se diz cristã existem as “missões bíblicas”, que são declaradas por Deus em todo o escopo de sua revelação especial, a Bíblia, e que são parte intrínseca de toda missão específica. É impossível desenvolver qualquer missão cristã objetiva sem levar em consideração as ordens bíblicas como “sede santos” (Lv 20.7; 1Pe 1.16), “fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31) e a própria grande comissão nos evangelhos:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28.19-20).

Bastam estas três citações para encontrarmos implicações práticas que devem nos levar a grandes perguntas sobre a legitimidade de toda e qualquer declaração de missão cristã: Como essa missão leva à santidade? Como ela glorifica a Deus? Como ela coopera no cumprimento da grande comissão e da ordem de ensinar a guardar o que foi ensinado? Os desdobramentos das respostas a estas questões são inúmeros, uma vez que vão determinar os meios e os processos pelos quais a missão proposta será buscada e alcançada, como, por exemplo, os resultados éticos (como alcançar a missão dentro dos padrões da ética bíblica?), financeiros (que práticas de negócios e finanças são compatíveis com os valores do reino?), relacionais (que peso as relações pessoais terão no cumprimento da missão e que padrões relacionais serão incentivados ou desencorajados?) e educacionais (qual a importância, valor e escopo do ministério educacional na igreja?).

¹¹ Para uma avaliação teológica, ver PORTELA, Francisco Solano. O que estão ensinando aos nossos filhos? Uma avaliação teológica preliminar de Jean Piaget e do construtivismo. *Fides Reformata* 5/1 (2005), p. 71-96. Ver, também, PORTELA, Francisco Solano. Construtivismo no cenário brasileiro. In: *Fundamentos Bíblicos e Filosóficos da Educação Cristã*. São Paulo: ACSI, 2004, p. 68-91.

A resposta bíblica a estas questões é que tem dado a muitos a visão (e a conseqüente missão) de que o ensino a ser passado às gerações se estende para além do círculo exclusivamente eclesial, a fim de desenvolver um ministério educacional abrangente que compreenda a educação escolar dentro da missão cristã. Em outras palavras, adota a noção de que toda missão educacional promovida pelo cristianismo deve ser cristã e não secular, refletindo com clareza a sua razão de ser assim como o seu significado no contexto da grande comissão bíblica.

De maneira específica, tratando-se do eixo que trabalha diretamente com a mente e o coração, a missão escolar deve conter o apelo ao chamado do primeiro grande mandamento, de amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todas as forças e de todo o entendimento (cf. Lc 10.27a). A declaração do primeiro grande mandamento, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, fala-nos da necessidade de amar a Deus com a essência e a integralidade do ser, idéia essa expressa nas figuras do coração, alma, força ou poder e entendimento. A intenção do texto bíblico, antes de separar as partes, parece ser exatamente a de mostrar a totalidade do ser (coração, alma e força). Especificamente no Novo Testamento, o Senhor Jesus acrescentou ao texto a palavra entendimento,¹² possivelmente em função do contexto da filosofia grega, o que reflete o caráter e contexto de Deuteronômio 6 sobre a necessidade de ensinar a lei (Dt 6.1) e inculcar aos filhos o valor desta lei, tanto em situações formais quanto informais (Dt 6.6-7).¹³

Ainda que a passagem de Deuteronômio não trate especificamente do contexto escolar, a essência do contexto do ensino nos aponta para toda instituição cristã que tenha por objetivo ensinar. Por um lado, precisamos lembrar que os textos da Escritura não falam da instituição de escolas. Ainda que a Bíblia mencione a existência de algumas delas, em diferentes culturas, nem sequer temos a certeza de que elas tenham existido no meio do povo de Israel antes da instituição das sinagogas no período babilônico pós-exílico, principalmente pelo caráter tribal nômade de Israel durante os quarenta anos no deserto. Isto não significa que a instrução formal não acontecesse entre o povo de Israel, mas os textos bíblicos apontam, em geral, para a família como a fonte principal do ensino.¹⁴

¹² A palavra traduzida por “entendimento” (διάνοια) nas versões portuguesas da Bíblia pode ser traduzida por mente, inteligência, disposição, atitude.

¹³ Dt 6.1 diz que o propósito de Deus em dar esta lei ao povo era para que fosse ensinada: “Estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o SENHOR, teu Deus, se te ensinassem...”. O verbo *lamad* no hebraico (ensinar) é traduzido pela Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento) por διδάσκω (*didasko*), que carrega a mesma raiz dos termos usados por Paulo em 2Tm 3.16 e por Jesus na Grande Comissão. Para o uso deste verbo nos escritos paulinos, ver o artigo de LOPES, Augustus Nicodemus, Ensinar e aprender em Paulo, neste volume.

¹⁴ Sobre a importância fundamental da família no papel educacional, ver CARDIN, Hélder de Salles. A incumbência primária da família na educação dos filhos na primeira infância. Dissertação de Mestrado, São Paulo, CPAJ, 2007.

Por outro lado, o mandato cultural,¹⁵ amplamente expresso nas Escrituras, nos obriga a pensar de forma objetiva sobre a maneira de exercer o domínio e sujeição ordenados por Deus nos primeiros capítulos de Gênesis (Gn 1.26-28; 2.15, 19), e não há dúvida de que estes se dão por meio do conhecimento, da pesquisa, do aprendizado, do desenvolvimento da técnica, da transmissão a outras gerações, com precisão, do conhecimento adquirido, e daí a necessidade da amplitude das formas de ensino e aprendizagem. Reside aqui a necessidade que temos de um processo educacional especializado e a necessidade de que a escola cristã desenvolva princípios de excelência acadêmica.

Em tese, toda educação, seja ela pública ou privada, tem por objetivo alcançar padrões de excelência, seja na busca de abrangência (educar o maior número possível), seja na especialidade (educar com a melhor qualidade possível). A missão da escola cristã, no entanto, não deve omitir o seu diferencial básico em relação a qualquer outro tipo de educação: o fato de que fundamentamos nossa motivação e processos em uma visão de mundo que contrasta com as cosmovisões seculares. A missão da escola cristã que leva a sério o seu chamado para uma educação teísta, teo-referente, tem como ponto de partida a existência de um Deus vivo, criador e redentor, o qual deve ser ouvido atentamente em sua revelação nas Escrituras, na criação e na providência.¹⁶ Deixar de ouvir quaisquer destas três vozes distorce a missão e leva-nos a um conhecimento parcial e distorcido da verdade.

Em geral, ao observar as declarações de missão de várias escolas cristãs no Brasil, percebemos algumas questões que devem ser consideradas. Primeiro, há certa confusão de conceitos e termos que carregam uma base epistemológica secular e que, sem a devida conceituação, propõem missões naturalistas, em que a fé cristã serviria de base para a autonomia, auto-realização, etc. Até mesmo conceitos como cidadania, desenvolvimento integral e dignidade da pessoa humana, na maneira como são conceituados nos modelos pedagógicos vigentes, têm um significado que contraria a percepção bíblica da relação do homem com o mundo, consigo mesmo e com Deus. Assim, ainda que em constante diálogo com a academia, seria de todo importante sempre ressaltar os conceitos cristãos desses termos a fim de que sejam implementados com integridade bíblica. Outro fato notado é que muitas vezes a missão escolar não passa de um documento, em alguns casos conhecido dos educadores da instituição, em outros nem sequer conhecido.

Sintetizando, a missão da escola cristã parte de uma visão de mundo bíblica, comprometida com a verdade conforme revelada por Deus e aplica-se à vida

¹⁵ Ver a definição em MEISTER, Mauro F. Uma breve introdução ao estudo do pacto (II). *Fides Reformata* 4/1 (1999), p. 97. Uma visão abrangente do mandato cultural pode ser obtida em KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 37-40.

¹⁶ JOHNSON, Dennis, E. (Org.). *Foundations of Christian education*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1990, p. vii.

escolar em todos os seus aspectos. É fundamental que os envolvidos em todas as etapas do processo de gestão e ensino na escola estejam aptos a dar vida à missão escolar, avaliando e aplicando os princípios estabelecidos pela instituição. O desconhecimento ou falta de envolvimento tendem a fazer com que os princípios fundamentais, os objetivos e propósitos da escola sejam, ao longo do tempo, esquecidos, transformando-a naquilo para o qual não foi projetada. Porém, não só gestores e professores devem conhecer e vivenciar a missão da escola. Essa missão precisa tornar-se parte da cumplicidade entre escola e família e ter reflexo na vida dos alunos. Não só o treinamento para fazê-la clara, mas a avaliação contínua da missão e sua aplicação no ambiente escolar são fundamentais para que a instituição reflita os valores fundamentais e cumpra o seu papel bíblico.

Creio que uma forma eficaz de saber se os profissionais de uma dada instituição conhecem e aplicam a missão da mesma é pedir que dêem exemplos de como a missão se desenvolve na prática. Só o saber repeti-la, com certeza, não é o bastante. É preciso que a missão faça parte da vida.

4. APLICAÇÃO DA COSMOVISÃO NO CURRÍCULO

4.1 Definições

A forma de definir o que é o currículo escolar está baseada na visão de mundo daquele que o define e, finalmente, o aplica. Originalmente, *curriculum* significava o tempo necessário para se completar um programa de estudos. Esta definição, entretanto, se ampliou para incluir, além do conteúdo, o método de ensino. Na educação mais tradicional, o currículo assume função simplista da divisão de conteúdos em disciplinas, tópicos e sub-tópicos. Isto parte da pressuposição de que o alvo da educação é a mera transmissão de um corpo de conteúdos. Para outros, o currículo é um projeto educacional formal com vistas a um alvo definido, em que os professores são técnicos que aplicam este programa com eficiência. Visões mais contemporâneas vêem o currículo de maneira dinâmica, no qual as experiências de aprendizagem são constantemente avaliadas diante das circunstâncias. Neste caso, o currículo é uma direção geral que pode ser alterada, dependendo tanto dos professores quanto dos alunos. Por último, a definição pode encaminhar-se para o conceito de que o currículo é tudo o que o aprendiz experimenta na escola, tanto formal quanto informalmente, construindo assim o seu conhecimento e o significado das coisas. Neste caso, o professor é mediador e o aluno é inerentemente bom.¹⁷

¹⁷ Estas definições encontram-se em VAN BRUMMELEN, Haro. *Steppingstones to curriculum*. 2ª ed. Colorado Springs, Colorado: Purposeful Design, 2002, p. 13-14. Recente publicação do Ministério da Educação afirma: "Currículos não são conteúdos prontos a serem passados aos alunos. São uma construção e seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas e culturais, intelectuais e pedagógicas. Conhecimentos e práticas expostos às novas dinâmicas e reinterpretados em cada contexto histórico [sic]. As indagações revelam que há entendimento de que os currículos são orientados pela dinâmica da sociedade". LIMA, Elvira Souza. *Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

A realidade da educação brasileira tem mostrado dois opostos nesta série de definições. Teoricamente, há uma ampla insistência na última definição, principalmente em função da concepção construtivista dominante em nossa academia.¹⁸ Por outro lado, há uma compreensão pobre do que seja currículo e, normalmente, o mesmo é confundido com o conjunto de conteúdos apresentados nos livros didáticos, limitando-se a isto. Quando isto acontece, a escola perde o seu caráter distintivo em relação às demais, tornando-se “lugar comum” e deixando de exercer um papel singular em sua realidade local. Não é possível criar uma declaração universal de missão para todas as escolas, assim como não é possível ter-se o mesmo currículo reproduzido em todos os lugares. O projeto político pedagógico a ser desenvolvido pelas instituições deve planejar e descrever a realidade da aplicação educacional localmente.

4.2 Currículo e lei brasileira

A definição curricular dentro do estado brasileiro deve seguir determinadas orientações ou normas que são apontadas de forma oficial nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborados pelo Ministério da Educação. Estes atendem à Constituição Federal, Artigo 210, que determina como dever do Estado para com a educação fixar “conteúdo mínimo para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”. O Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394, 20 de dezembro de 1996), diz:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Logo, a determinação legal quanto aos currículos escolares tem um caráter de orientação, assegurando a garantia de um conteúdo mínimo comum a todas as instituições de Ensino Básico no território nacional e conferindo à escola brasileira liberdade de organização curricular. A compreensão deste ponto é fundamental visto que, assim como a visão de mundo define a missão de uma instituição, esta instruirá a forma de abordagem curricular a ser adotada. Da mesma forma como na missão, não há neutralidade no currículo escolar, seja ele laico ou religioso. Por isso, é inevitável que as escolhas curriculares, tanto no conteúdo quanto no método, promovam uma filosofia de vida e seus decorrentes valores. Isto é reconhecido e assegurado na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, quando define a escola confessional, no artigo 20, III: “Confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de

¹⁸ Ver PORTELA, O que estão ensinando aos nossos filhos?, p. 71-96.

pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior”. Percebe-se que a própria legislação reconhece a existência e a realidade de comunidades que pensam a educação de forma peculiar, a saber, com sua própria cosmovisão, mesmo dentro do estado laico.

4.3 O currículo cristão

Assim sendo, como caminhar na definição de um currículo escolar cristão? Primeiro, devemos lembrar que a missão da escola é definidora deste segundo passo. Discutir a orientação curricular de uma instituição sem que os participantes do debate tenham uma base comum torna a tarefa impossível. Cabe lembrar que o currículo é a missão em prática e é, ao final, muito mais visível do que a própria declaração de missão da escola, uma vez que alunos e pais estarão em contato constante com ele.¹⁹

Partindo da premissa de que na escola cristã a cosmovisão bíblica é prevalente e de que a Bíblia é a Palavra de Deus, relevante para a vida, por conseguinte ela é relevante para o currículo escolar. Isto não quer dizer que encontraremos fórmulas curriculares na Escritura, mas, com certeza, encontraremos os princípios de sabedoria necessários para o desenvolvimento do mandato cultural, dentro do qual desenvolveremos o projeto educacional cristão.

Ao contrário da visão construtivista, de que o conhecimento é uma construção do indivíduo autônomo, partimos do pressuposto epistemológico de que o conhecimento é dependente da revelação de Deus na criação, na Palavra e na providência, a saber, da fidelidade de Deus em sustentar a criação. Historicamente tem-se declarado que a Bíblia é conflitante com o conhecimento acadêmico. Alguns tentam resolver o conflito limitando o escopo de abrangência do ensino bíblico ao que é espiritual e não científico. Esta solução esquizofrênica faz com que a Bíblia seja irrelevante para a investigação científica, eliminando a possibilidade de uma academia fundamentada em princípios cristãos.²⁰

Donovan Graham sustenta que a verdade bíblica é a estrutura para toda investigação. De fato, a Bíblia como lâmpada é o guia que nos capacita a entender e trabalhar com a realidade, ainda que não contenha descrições exaustivas da mesma. Nela, Deus nos dá meios de estruturar e ver a realidade que nos habilita o desenvolvimento da academia e das ciências. Esta mesma tese é defendida por Nancy Pearcey e Charles Thaxton em *A Alma da Ciência*, onde demonstram que a cosmovisão cristã foi o berço no qual as ciências modernas

¹⁹ Ver KEENAN, Derek J. *Curriculum development for Christian schools*. Colorado Springs, Colorado: Purposeful Design, 1998, p. 2. Esta obra está em preparação e adaptação pela Associação Internacional de Escolas Cristãs no Brasil e em breve deverá estar disponível em português.

²⁰ Este tema é bem desenvolvido por GRAHAM, Donovan L. *Teaching redemptively: bringing grace and truth into your classroom*. Colorado Springs: Purposeful Design, 2003, p. 189 et seq.

nasceram e inicialmente se desenvolveram.²¹ Foi exatamente uma visão unificada da vida, fruto de uma cosmovisão cristã, que permitiu que os primeiros passos da ciência moderna fossem dados. Esta visão unificada da vida deve levar-nos a uma visão unificada de currículo, que traga a diversidade do conhecimento a um ponto de referência fora de si mesmo, ou seja, ao Criador.

Assim como o conhecimento é dependente da revelação, é fundamental que o currículo cristão traga formas claras e sábias de interação das fontes, a revelação natural (criação), a revelação especial (Escritura) e a providência. Graham postula que esta interação é legítima e constante:

A Bíblia, a pessoa, a sociedade e os corpos organizados de conhecimento que chamamos de disciplinas acadêmicas – todos são fontes legítimas do currículo. A Bíblia informa a nossa compreensão das outras fontes e nos dá o chamado de como agir no nosso mundo.²²

A visão da revelação natural associada à revelação especial e suas consequências morais, a “inter-relação de Deus, sua criação, sua ordem, suas criaturas”, é apontada no Salmo 19 por Solano Portela, demonstrando nas Escrituras um esboço do conceito de unidade do conhecimento e da vida.²³

Podemos perceber por estas relações que, para o cristão, a questão curricular vai muito além dos conteúdos e até mesmo do método de ensino. No currículo cristão os grandes temas bíblicos tomam um caráter de extrema importância na interpretação dos temas transversais comuns, considerados nos PCNs (as problemáticas sociais em relação à ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo). A cosmovisão bíblica é tida como ponto de partida para a apresentação e avaliação dos temas propostos, como mordomia, comunidade, culto e propósito da vida. Logo, o currículo escolar cristão deve promover de maneira enfática esta avaliação a fim de que o aluno desenvolva, ao longo do processo pedagógico, uma visão desta realidade.

Derek Keenan propõe um modelo de desenvolvimento curricular para a escola cristã e oferece um mapa do que se pretende fazer, contendo os seguintes elementos: (1) a filosofia educacional da escola; (2) a filosofia da escola para cada área de conteúdo; (3) o conteúdo por fase; (4) escopo (profundidade e abrangência) e seqüência (ordem); (5) mapa de curso; (6) descrição de curso (declaração filosófica / objetivos do curso / tempo de atividade de instrução /

²¹ PEARCEY, Nancy R.; TAXTON, Charles B. *A alma da ciência: fé cristã e filosofia natural*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

²² GRAHAM, *Teaching redemptively*, p. 189-202.

²³ PORTELA NETO, Solano Francisco. *Educação Cristã?* São José dos Campos, SP: FIEL, s/d, p. 2.

recursos de textos / atividades paradidáticas); (7) expectativas específicas como resultado do ensino – esboço do curso (objetivos para os alunos / resultados / materiais / integração bíblica / avaliação / unidades de tempo / atividades de extensão); (8) planejamento semanal/diário das aulas; (9) instrução em sala de aula; (10) avaliação da aprendizagem; (11) avaliação da instrução/currículo.²⁴ Segundo este procedimento, que busca o envolvimento dos educadores em todos os níveis de instrução, incluindo gestores, coordenadores de segmento e de área e professores, o currículo escolar tem a possibilidade de refletir a unidade da visão bíblica de mundo em função do diálogo em cada etapa. Desde a filosofia da escola até o último passo, a avaliação do próprio currículo, existe a possibilidade de se buscar coerência e unidade, sempre permitindo espaço para o ajuste de foco na visão de mundo apresentada pelo currículo.

Todos estes princípios para a construção curricular apontam para caminhos que o educador cristão pode trilhar, utilizando-se de material que paulatinamente vai sendo publicado no Brasil, facilitando o processo da integração bíblica, que é o entrelaçamento entre o conhecimento da revelação especial de Deus, a Escritura, e o conhecimento da revelação geral de Deus, a natureza criada. A necessária integração bíblica deve ser buscada mostrando em cada passo do progresso curricular a coerência entre estes dois pontos, servindo como lentes sobrepostas com as quais vemos o mundo e apontamos a realidade para nossos alunos, a fim de que vivam de acordo com ela. Cabe lembrar o conceito inicial, de que uma cosmovisão é um compromisso do coração sobre o qual as pessoas edificam sua maneira de viver como um todo. Assim, ao trabalhar na educação cristã com a formação de uma cosmovisão, não pretendemos apenas ensinar uma forma de pensar, mas a ver o mundo de uma maneira que nos leve, e ao aluno, a viver coerentemente com a visão bíblica de mundo.

Entre os recursos encontrados em português para esta tarefa está a *Enciclopédia das Verdades Bíblicas*,²⁵ na qual todas as grandes áreas do conhecimento são avaliadas à luz do conhecimento geral das Escrituras, trazendo os principais pontos de contato entre o conhecimento da revelação geral e da especial. Existem certas tendências comuns no processo de integração que tendem a falsificar ou separar o conhecimento bíblico. Marta Silva aponta para diversos modelos que segregam e/ou empobrecem o alvo da integração.²⁶ Autores como Mark Eckel e Martha MacCullough mostram que diversas boas práticas cristãs podem criar a ilusão de integração bíblica e impedir que a visão de mundo e a missão da escola cheguem ao seu cerne, o currículo. Ainda que recomendá-

²⁴ KEENAN, *Curriculum development*, p. 6.

²⁵ HAYCOCK, Ruth C. *Enciclopédia das verdades bíblicas: fundamentação para o currículo escolar cristão*. São Paulo: ACSI, 2003.

²⁶ SILVA, Marta Franco Dias. *Biblical integration in language arts*. Trabalho de Conclusão de Mestrado, Philadelphia Biblical University, 2007.

veis, se estas práticas separarem o conhecimento bíblico, colocando-o em um currículo paralelo, criarão um dualismo na visão do aluno.

Em lista levantada por Silva,²⁷ encontramos diversas práticas que queremos evitar como uma ilusão de integração, tais como: (1) o uso de analogias, metáforas e alegorias bíblicas relacionadas ao conteúdo de uma disciplina – se queremos desenvolver uma cosmovisão bíblica, precisamos começar por respeitar as Escrituras e fazer uma leitura consciente de seu conteúdo, usando todas as regras acadêmicas de interpretação bíblica, a qual é também uma ciência; (2) enfatizar os elementos externos sem a devida preocupação de que isto seja realmente proveitoso na formação da visão de mundo dos alunos, como contratar somente professores cristãos sem que os mesmos sejam testados nas suas habilidades acadêmicas e de integração bíblica; (3) a negação e exclusão imediata de tudo que é não bíblico, como, por exemplo, não estudar a evolução darwinista porque contradiz nossos pressupostos bíblicos; (4) embora o ensino do caráter seja fundamental para a escola cristã, ensinar traços de caráter por si só não é integração bíblica; (5) evangelização não é integração bíblica; (6) também a personificação – por exemplo, ter a vida de Jesus como modelo – não é integração e (7) escolher uma série de princípios e desenvolvê-los durante o ano escolar também não é integração. Ainda que várias dessas práticas sejam desejáveis, não podem substituir a integração de fato.

MacCullough define integração como o ato de “lecionar as matérias da escola cristã de tal modo que os alunos desenvolvam uma cosmovisão bíblica que servirá de base para pensar e agir” e isto pressupõe

que compreendemos o conceito de cosmovisão; em segundo lugar, que compreendemos que a integração da cosmovisão ocorre dentro do aluno e conduz a ações; e, em terceiro lugar, que existe uma forma, um método ou abordagem ao ensino que é essencial para promover esse processo nos alunos.²⁸

Logo, nossa busca é por transmitir uma cosmovisão bíblica e não lições bíblicas simplesmente. No processo de integração bíblica nosso alvo é o conteúdo das disciplinas subordinadas a uma cosmovisão, ou seja, como este conteúdo nos auxilia a ver o mundo pelos olhos de Deus e a responder às “grandes perguntas” sobre o mundo, a vida, a morte, a realidade, o conhecimento, a natureza humana, etc.

Como modelo de integração, evitando os problemas que citamos acima, MacCullough propõe o modelo do cerne integrativo:

²⁷ Ibid., p. 20-21.

²⁸ MACCULLOUGH, Martha E. *Como desenvolver um modelo de ensino para a integração da cosmovisão*. São Paulo: ACSI, 2005, p. 15.

Chamo o modelo que desenvolverei a seguir de modelo do cerne integrativo. Nele, parte-se de um todo, o cerne integrativo – um conjunto de pressupostos (crenças) acerca do mundo e da vida. Em seguida, passa-se para os novos conhecimentos, habilidades, atitudes (relacionados a diversas matérias) e volta-se, então, para o todo mais amplo. A cosmovisão é expandida, realçada, apreciada, enriquecida e esclarecida ao ser comparada com outras visões contrastantes. Em geral, esse modelo permite que, dentro dos limites da aprendizagem humana, se chegue a uma visão da vida e da aprendizagem como um todo unificado. A cosmovisão influencia o conhecimento interiorizado e esse conhecimento influencia a cosmovisão. As “regras” que o indivíduo usa para discernir a verdade são consolidadas. Esse modelo responde a pergunta: “O que devo fazer quando existe um conflito claro entre as diferentes fontes de conhecimento?” O objetivo é a integridade!²⁹

Tentativas de integração bíblica da cosmovisão têm sido feitas no Brasil em várias escolas usando recursos produzidos no país ou traduzidos para o português. Veja neste número os recursos bibliográficos disponíveis.

CONCLUSÃO

Vimos ao longo do artigo que o conceito de uma cosmovisão cristã não é apenas um conceito teórico-acadêmico sem implicações práticas, mas o alicerce para o desenvolvimento da prática coerente de educação cristã. Percebemos que o conceito precisa ser desenvolvido e aplicado em vários níveis no processo do desenvolvimento escolar. Ele começa pela conscientização dos educadores cristãos, que devem resolver o conflito resultante da formação humanista que regularmente se recebe no Brasil e é amplamente aplicada na educação pública. Sem conscientização por parte do educador cristão, fica impossível alcançar *consciência* e *consistência* na aplicação de uma cosmovisão bíblica no projeto educativo.

Da mesma forma, a cosmovisão bíblica deve ser geradora da missão da escola. Acreditamos que não é só o caso de se formular uma missão que reflita essa cosmovisão, mas que a missão seja emanada da visão bíblica de mundo, refletindo os profundos valores gerais das Escrituras como um todo, assim como os valores específicos para o projeto educacional local. A missão da escola cristã deve ser um reflexo da aplicação da forma como Deus nos ensina a ver o mundo focado na realidade local, propondo de maneira sábia o modelo pelo qual vamos trabalhar a vida escolar (professores, alunos, pais, sociedade) a fim de que se desenvolvam o conhecimento, os valores e o caráter que glorificam ao Criador.

Para que a missão se desenvolva é necessário que a instituição tenha um projeto curricular integrado que, em cada passo, reflita a missão. Assim,

²⁹ Ibid., p. 19.

a começar da filosofia até a avaliação cíclica do próprio currículo, todos os passos no processo educacional devem ser carregados da perspectiva bíblica sobre o que se está desenvolvendo.

O grande alvo educacional cristão é que, a partir de uma cosmovisão bíblica integral e íntegra, caminhemos rumo ao alvo de que “o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda a boa obra” (2Tm 3.17), utilizando-nos de toda a Escritura que é “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2Tm 3.16). No caminho, devemos estar atentos para continuar “anulando... sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10.4-5). Somos, assim, chamados para ajudar nossos alunos pelo ensino da verdade que leva à liberdade, desenvolvendo o conhecimento positivo a respeito do Criador e da Criação e derrubando o falso ensino que se levanta contra o conhecimento de Deus.

ABSTRACT

This article addresses the need to develop Christian school education within a biblical worldview applied to the educator’s pedagogy, to the mission of the school, and to the school curriculum. According to the author, each of these three aspects is key to the development of the student’s worldview and will impact their education as a whole. After describing the relationship of the biblical worldview with each of these aspects, the article concludes with examples of methods of curriculum development and biblical integration that can be used in this process.

KEYWORDS

Christian worldview; Christian education; Curriculum; Mission; Constructivism.